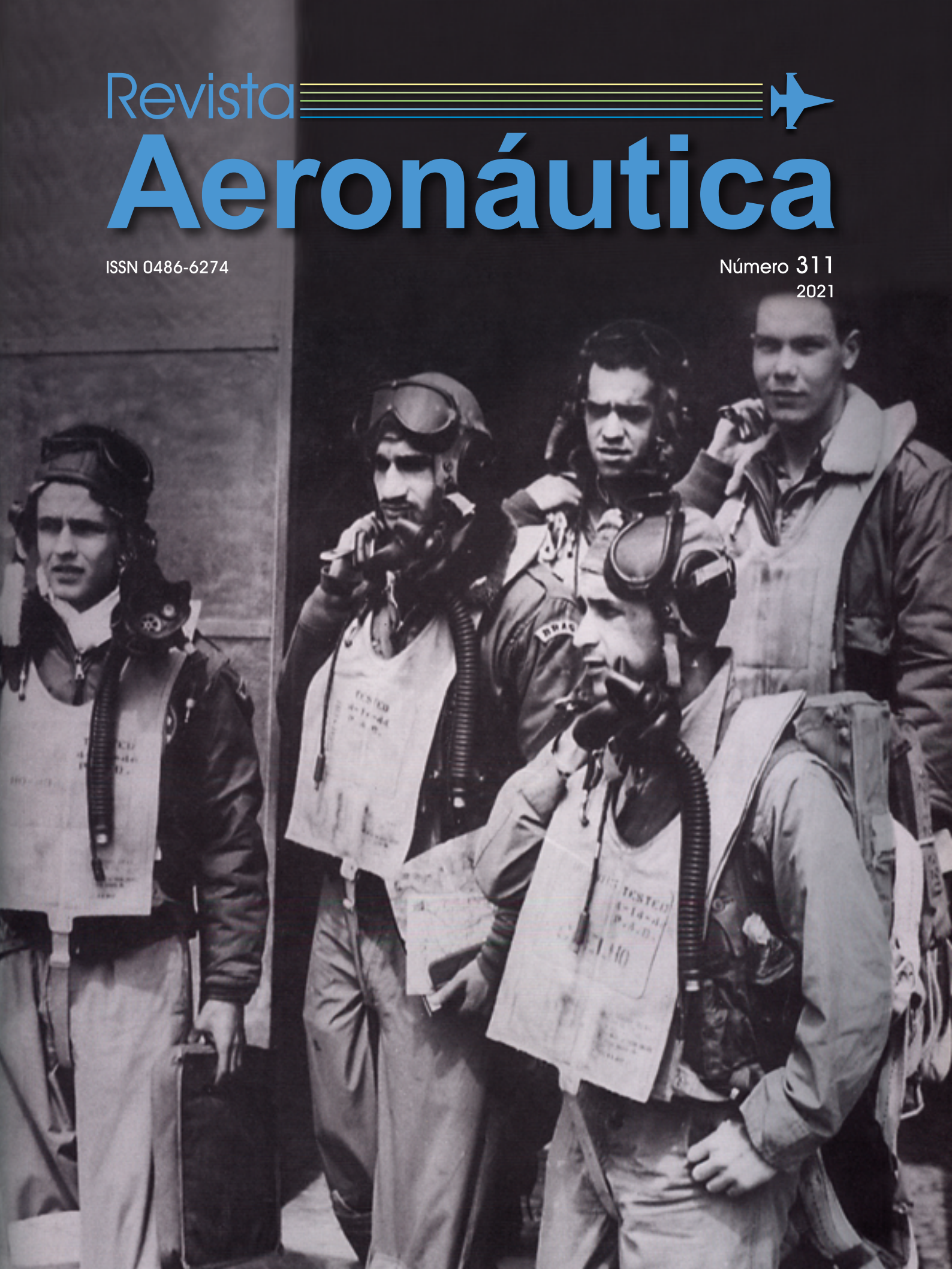
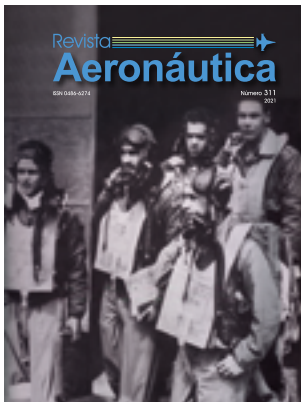
Revista Aeronáutica

ISSN 0486-6274

Número 311
2021





Da esquerda para a direita: Meira, Pessoa Ramos, Rocha, Coelho e Tormim. Pilotos do Primeiro Grupo de Aviação de Caça (1º GAVCA) na Itália.

Fotografe o código abaixo para ler esta revista, fazer download e ou compartilhar as edições anteriores.

SUMÁRIO

2 Mensagem do presidente
Maj Brig Ar Marco Antonio Carballo Perez

4 Passagem do Comando da Aeronáutica
Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista Júnior

6 Pensamento Aeronáutico
Grupo de Estudos do Pensamento Aeronáutico

8 Análise da Conjuntura Brasileira
Manuel Cambeses Júnior
Cel Av
In memoriam

12 O desafio de valores
Ives Gandra da Silva Martins
Jurista

16 Liberdade
Araken Hipólito da Costa
Cel Av

18 Amazônia - Soberania e Desenvolvimento
Ten Brig Ar Marco Aurélio Gonçalves Mendes

24 A Embrapa
Antonio Carlos Siqueira
Engenheiro

27 Trinta e seis aviões Gloster
Ajax Mendes Correia
Cel Av

28 Patriotismo
Olavo de Carvalho
Filósofo

32 Missão SNM
Hélio Carvalho Perez
Cel Av

36 Dissuasão
Bruno Pedra
Cel Av

38 O Búfalo e o Tucano
Pedro Luiz Rodrigues Guimarães
Cap Av

42 A guerra de minas e o seu papel ao longo da história
Igor da Silva Alves — Cap de Corveta
Leandro de Souza Lami — Cap de Corveta

46 Gênesis das histórias de aviadores
Maj Brig Ar Renato Cláudio Costa Pereira

O DESAFIO DE VALORES

Do livro: "A era dos desafios"

Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio-SP e professor emérito da Universidade Mackenzie, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e da Escola Superior de Guerra

igm@gandramartins.adv.br

Falar em valores quando se discute política e convivência entre os povos, nem sempre é fácil. A luta pelo poder, como dizia o filósofo alemão Carl Schmitt (1888-1985), é uma luta ente amigos e inimigos, e qualquer meio é tido por válido para a obtenção do poder, seja ético ou antiético. Quem luta pelo poder tem tudo, quem perde não tem nada e, no curso da história, não poucas vezes, não podendo sequer conservar a vida.

O célebre dramaturgo francês Jean Racine (1639-1699), na "Tebaida", coloca na boca de Creonte, que acabara de sacrificar a vida de seus dois filhos para ter o trono de Tebas, a dramática afirmação:

Le nom de père, Attale, est un titre vulgaire:
C'est un don que le ciel ne nous refuse guère.
Un bonheur si commun n'a pour moi rien de doux,
Ce n'est pas un bonheur, s'il ne fait des jaloux.
Mais le trone est un bien dont le ciel est avare;
Du reste des mortels ce haut rang nous separe[1].

Outro francês, Jean Rotrou (1609-1650), na tragicomédia "Inocente Infidelidade" (I,1), escreve: "*Les crimes sont beaux, dont un trône est le prix*" ("Belos são os crimes, cujo prêmio é um trono").

Muitos pensaram assim ao longo da história. Por isso, toda a filosofia clássica voltada à ética política – desde Confúcio, Buda, Zaratustra, Pitágoras e Isaías, passando pela filosofia pertinente à fantástica produção grega e à posterior em Roma, na Idade Média e Renascimento – concebe soluções éticas para o exercício do poder. Não são jamais seguidas, dada a dificuldade de fazê-las cumprir por quem detém o poder. Nesse particular, os mestres da tragédia grega (Ésquilo e Eurípedes) foram sempre muito mais efetivos que Sócrates, Platão e Aristóteles, em retratar a realidade da política, em que a ética é de pouco uso, sendo mais para peça de oratória do que instrumento de governo.

A ética e a moral, ambos os vocábulos decorrentes de exteriorização de costumes, tidos por bons. A ética, com origem na palavra *ethos* dos gregos, tem um sentido mais filosófico, e a moral, vindo de *mos, moris* do latim, contém um pragmatismo maior, próprio de Roma, menos especulativa que a Grécia.

De uma forma perfunctória procurei mostrar tal realidade em meu livro "Uma Breve Teoria do Poder".

Ora, até o presente procurei mostrar, nestas breves considerações em minha senilidade, que há uma evolução humana desde o aparecimento do *homo sapiens,* mas, no que concerne à luta pelo poder, a natureza humana se debruça, permanentemente, no conflito entre amigos e inimigos, em que tudo é lícito quando o poder é a meta. Esta é a razão pela qual a evolução para que os valores penetrem no coração dos detentores do poder ainda é tarefa que ultrapassa a realidade atual.

Já me referi ao universo ficcional da série "Jornada nas Estrelas", em que a humanidade, alguns séculos adiante do mundo presente, já solucionou todos os defeitos coletivos e problemas de convivência. Como o roteiro está voltado à exploração do Universo, sempre que a tripulação da nave "Enterprise" encontra um mundo novo, sem pretender interferir na maneira de ser do povo que lá vive, busca auxiliá-lo, ensinando aos seus habitantes as virtudes que os terráqueos possuíam. Cada povo tinha um defeito particular, um desses dos que hoje temos, mas que a Federação Estelar deixara de ter e queria ajudar outros povos a também eliminar.

É bem verdade que os exegetas hoje encontram trechos bíblicos que podem trazer intranquilidade, como os que lemos

no “Apocalipse de São João”, mas há outros que podem gerar otimismo, quando Cristo diz que haverá um só rebanho e um só pastor, um dia.

Por outro lado, Pedro, sem ser um especialista em astronomia, ao final da “Segunda Epístola”, prevê que a Terra será consumida pelo fogo, teoria só confirmada pela ciência no século XX, prevendo que daqui a aproximadamente cinco bilhões de anos terá o Sol consumido toda a sua carga energética e explodirá engolindo os planetas Vênus e Terra na explosão antes de transformar-se numa estrela anã de densidade incomensurável.

Nas previsões proféticas, há, todavia, notável evolução de valores. Lembremo-nos, por exemplo, da conquista da Terra Prometida pelos hebreus: velhos, homens, mulheres e crianças foram todos passados a fio de espada em cada batalha, sendo natural tal procedimento na conquista da maioria dos povos antes do advento dos grandes filósofos do Oriente e do Ocidente. É de lembrar-se o episódio em que Herodes manda degolar João Batista sem qualquer julgamento para não ficar mal perante convidados, em promessa feita à filha da mulher do seu irmão, que ele trouxera para sua casa como sua mulher.

Tais procedimentos, hoje, seriam inadmissíveis. O Holocausto foi e é condenadíssimo, pois não se pode conceber nem admitir tratamento tão brutal contra seres humanos, mesmo numa guerra com a violência da Segunda Guerra Mundial.

Ora, de Herodes para cá temos apenas dois mil anos que nada são se lembrarmos que o *homo sapiens* tem 200 mil anos, o *homo erectus*, 1.400.000 anos e a vida sobre a Terra tem entre 3.500.000.000 a 4.000.000.000 de anos!

Essa evolução notável teve um de seus momentos de inflexão mundial, como já mencionamos, com a “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, de 10 de dezembro de 1948, e redigitada por René Cassin, reconhecido jusnaturalista de formação tomista. Neste documento, os povos do mundo reconhecem a necessidade de respeitarem os direitos humanos em nível superior ao lado da declaração dos americanos, em 1776, e da dos franceses, em 1791.

Há, indiscutivelmente, uma rápida evolução de consciência de que os direitos humanos devem ser respeitados, nada obstante a natureza conflitante do homem, que se digladia toda ávida entre o bem e o mal. Há uma série de instituições não governamentais que buscam tal concreção da virtude no mundo inteiro, visto que sempre este progresso se dá mais pelas organizações privadas do que pelas organizações governamentais, comumente precedidas de uma maior ou menor dose de demagogia eleitoral.

O que pretendo deixar claro neste capítulo é que, não obstante: o homem não ser confiável no poder;

- a corrupção ser inerente ao exercício do poder; o objetivo da maioria dos políticos e burocratas é mais servir-se do poder do que servir ao povo; tal mentalidade ser inerente aos três poderes; a prestação de serviços públicos serem o efeito colateral do exercício do poder; a prestação de serviços só interessar se precedida dos holofotes da mídia e da sociedade em busca de benefícios eleitorais; o vácuo do poder ser preenchido por quem é mais ágil e não necessariamente mais ético; o tributo ser uma norma de rejeição social, pois parte considerável dele vai para a manutenção dos detentores do poder e não para prestar serviços públicos, razão pela qual sempre, na dúvida, decidem a seu favor e não a favor da sociedade, denominando de interesse público o que é apenas interesse dos ocupantes dos governos; os amigos do rei serem mais importantes do que os amigos da eficiência na detenção do poder; e os séculos da história narrada terem demonstrado que essa mentalidade de detenção do poder não muda praticamente nada; o mundo tem melhorado pela busca maior do povo e seus direitos, pois aos poucos suas reivindicações são atendidas graças à adoção de regras democráticas na maior parte dos países modernos.

Em outras palavras, se a mentalidade dos que detêm o poder não mudou, hoje eles têm muito mais trabalho em conseguir seus desideratos, embora também tenham se aperfeiçoado na arte de iludir, algo desnecessário, por exemplo, no período das monarquias absolutas.

Ora, é em face desses fatos que me parece que o papel dos pensadores de diversas áreas, hoje, é mais do que necessário. Aliás, eles nunca tiveram tanto espaço para expor suas ideias como agora, muito embora a facilidade de comunicação gere também um número maior de medíocres envernizados de intelectuais que distribuem a mancheias suas teorias em que a razão, o bom senso, a cultura histórica e filosófica sofrem amputações monumentais.

Sendo o populismo alavanca da mediocridade, ao lado de verdadeiros pensadores em número crescente, cresce em número maior, pelas redes sociais, ignorantes festivos, os pseudointelectuais sofríveis, e os ativistas acabam instrumentalizados em proporção maior, visto que a humanidade produz mais medíocres que talentos.

O certo, todavia, que há, a olhos vistos, um crescimento de apreensão de valores que, tanto os mais quanto os menos alertados, percebem, com uma evolução crescente da educação em primeiro lugar e da cultura depois em todos os povos da humanidade, pelo avanço da ciência e da tecnologia.

Ora, é neste momento que a luta por levar valores à sociedade encontra, de um lado, maiores dificuldades aparentes, mas também um campo mais fértil para prosperar, lembrando-se que são estes valores que permitem à humanidade progredir com mais consciência de todos que há algo a ser discutido a partir de perguntas elementares tais como: por que vivemos? Qual é a razão da criação da humanidade? Por que a mera razão ainda não conseguiu responder de onde viemos? Por que existimos e para onde vamos? E, principalmente: qual é o sentido da vida?

E é neste ponto que focalizo o capítulo, ou seja, qual é o sentido da nossa vida? Vivemos para quê? Para nos autorrealizarmos e morrermos; para ficarmos ricos e deixar heranças e problemas para herdeiros, já que não podemos levar o que conquistamos? Para fazer o mal aos outros na luta para crescer na vida, pisando os que vivem conosco, afastando nossos concorrentes com intrigas e armadilhas? Para usufruir a sociedade dos prazeres temporais da

carne, mesmo que à custa de família, casamento, filhos e amigos? Para ter cada vez mais fama, dinheiro e poder, mas deixando de ser alguém íntegro, útil e criador de obras boas para a sociedade? Para enfim viver para ser admirado por outros e não para colaborar com o bem comum? Enfim, para ser um cidadão *que tem, mas não é?* Ou devemos lutar para que a nossa vida não seja inútil, já que todos nós nascemos condenados à morte? Afinal, para fazer com que a nossa vida tenha valido a pena para a família, para os outros, para a própria comunidade e para o país? Fazer a vida valer a pena por ser útil representa ter dado sentido à vida.

E a evidência, é para dar respostas a esses questionamentos que nascem as virtudes que a humanidade – rapidamente, mas a duras penas – principia a conquistar, ou seja, a busca de um ideal de justiça, com prudência, temperança, magnanimidade, fortaleza, caridade, e todas as virtudes inerentes à luta por ser útil aos que nos cercam.

Também o ideal da família é essencial para que uma nação cresça. Roma começou a decair, como lembra o Políbio, no dia em que as mães de família pensaram mais no seu bem-estar e prazer do que no da família, que é o mesmo que está acontecendo em muitos lares europeus na atualidade. Como afirma o poeta "o mais forte castelo é bem castelo fraco, se à antiga gente forte, a fraca mal sucede". Assim foi com Babilônia e Atenas no passado. Diz a Constituição Brasileira no artigo 226 ser a família "a base da sociedade". E a família é descrita pelo constituinte como união entre homem e mulher; não é aquela criada pela Suprema Corte, sem que esta afirmação implique qualquer preconceito contra os homossexuais, cuja união pode gerar filhos numa relação matrimonial natural. Podem se unir, o que é legítimo, mas não constituem a família idealizada pelos constituintes.

Lembro que, quando o iluminismo francês gerou o maior banho de sangue da França, na Revolução, os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade lá nasceram.

Nas correntes digladiantes da atualidade – o "egocentrismo" de ser feliz à custa dos outros e a generosidade de fazer os outros felizes sem quebrar as regras da natureza – está o dilema do homem. Numa visão otimista, pela própria evolução da humanidade, entendo que o mundo vai crescendo com altos e baixos. É necessário que tenhamos consciência de que crescerá mais ou menos rapidamente se conseguir dar sentido de vida numa dimensão não egocêntrica, mas altruísta, fazendo com que cada vida valha a pena. Poderá durar até séculos, o que na escala de tempo universal, é muito pouco. Poderá durar até milênios, no que não acredito, em face da velocidade que conseguimos avançar quanto à dignidade da pessoa humana em tão pouco tempo.

Sendo realista sobre a natureza humana em que o bem e o mal se digladiam, sou um otimista, por amar a história e esta demonstrar que o mundo tem evoluído rapidamente e sempre■

Nota:

(1) "Ser chamado de pai é um título vulgar:/É dom que o céu não recusa a ninguém./Uma felicidade tão comum não me parece nem um pouco doce/Não é felicidade se não causa inveja./Mas os céus são avaros com o dom do trono./É uma alta posição que nos separa do resto dos mortais."

Lucrezia Crivelli, Leonardo da Vinci